
SCHINKE, Karl Wilhelm. *Diário da África: o diário de um médico alemão na guerra dos hotentotes*

[*Berichte aus Afrika: Tagebuch eines deutschen Arztes während des Hererokrieges*]. Trad. de Werner Schinke. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

*Sílvio Marcus de Souza Correa**

Dos relatos sobre as guerras coloniais na África austral, durante a primeira década do século XX, quase nada se publicou no Brasil. No entanto, há uma copiosa literatura em língua inglesa e alemã, respectivamente, sobre a guerra anglo-bôer (1899-1902), na África do Sul e as guerras dos alemães contra hereros e namas (1904-1907/1908), no sudoeste africano, atual Namíbia. Sobre a experiência colonial dos alemães, muitos livros foram publicados entre 1904 e 1910, como, por exemplo, os do fazendeiro Conrad Rust, do médico Heinz v. Ortenberg e dos militares Maximilian Bayer e Kurde Schwabe. Essa literatura constitui uma fonte ímpar para a história do colonialismo alemão na África. Porém, esse *corpus* documental ainda aguarda tradução para a língua portuguesa.

Rara exceção é o livro publicado pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma compilação de cartas do médico Karl Wilhelm Schinke (1859-1941). Essas cartas foram escritas durante o seu serviço militar, na então chamada *Deutsch-Südwestafrika* (DSWA) e enviadas à sua esposa em Berlim. O conjunto dessas cartas tornou-se um livro. A tradução foi de Werner Schinke, neto do autor. O texto bilíngue é ilustrado com reprodução de cartões-postais de paisagens e gentes africanas e de fotografias do Dr. Schinke.

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Sociologia pela Westfälische-Wilhelms-Universität Münster. Professor no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: silviocorrea@cfh.ufsc.br

Em anexo, tem-se ainda um mapa parcial da DSWA, indicando os lugares por onde passou o médico alemão.

Diário da África é o primeiro livro da série Testemunhos Médicos, cuja publicação tem o patrocínio do Sindicato dos Médicos do Rio Grande do Sul (Simers). No prefácio do livro, o sociólogo Renato Oliveira (UFRGS) destacou o valor das cartas do Dr. Schinke para a “memória médica” do Rio Grande do Sul, pois o autor do diário exerceu a medicina em São Leopoldo (RS), entre 1895 e 1902. Após sua experiência africana, Dr. Schinke imigrou novamente para o Brasil, estabelecendo residência em Novo Hamburgo (RS), onde continuou seu trabalho como médico até 1929. Após sua morte em 1941, cartas, fotografias, livros e demais objetos de seus anos na África foram conservados pela família.

Ao reconhecer o valor histórico das cartas do seu avô, Werner Schinke atendeu à solicitação de Renato Oliveira para traduzi-las e publicá-las. Se o projeto inicial foi marcado por motivações de ordem pessoal, e se seu objetivo era divulgar o testemunho de um médico sobre a sua prática profissional em tempos de guerra, o resultado final não deixa de ser uma importante contribuição para os estudos sobre a África colonial, pois fontes primárias e originais em alemão são raramente disponíveis para os leitores brasileiros.

A história da África sob domínio colonial alemão é pouquíssimo estudada, ainda mais no Brasil. Nesse sentido, é lamentável que uma editora universitária não tenha dado um tratamento acadêmico ao relato de uma testemunha ocular que passou dois anos em campanha militar no sudoeste africano. Já na capa do livro, a arte gráfica de Vinícius Xavier reproduz alguns estereótipos. Recorrer a clichês ainda é mais indefensável quando há muito material visual da então *Deutsch-Südwestafrika*. Fotografias e imagens de cartões-postais de paisagens ou de núcleos coloniais como Swakopmund, Windhuk e Lüderitzbucht, outras de caráter etnográfico e também de acampamentos militares, de campos de trabalho forçado de prisioneiros de guerra e de soldados e oficiais da *Schutztruppe* formam um *corpus* documental iconográfico dos mais ricos desse período colonial.

Os subtítulos em português e alemão acusam uma grave confusão, pois num é diário de um médico alemão na “guerra dos hotentotes” e, noutro, “guerra dos hereros”. Cabe advertir os leitores que os chamados *hotentotes* não são hereros, mas namas. Por sua vez, o grupo herero é denominado por esse etnônimo desde a época colonial. Em meados de

janeiro de 1904, começou uma guerra entre alemães e hereros. O teatro da guerra foi mais a Hereroland, situada na parte central da então DSWA. Ainda em 1904, outras rebeliões se sucederam. Dessa vez, os protagonistas eram namas, e o cenário, a Namaland, na parte meridional da DSWA.

Apesar de passar pelo território dos hereros ainda em tempos de guerra, o Dr. Schinke seguiu para Namaland e outras áreas circunvizinhas. A *guerra* que ele descreve em suas cartas foi, portanto, contra os namas. Aliás, Hendrik Witboi foi o principal líder dos namas e não dos hereros como afirma, equivocadamente, o tradutor nas páginas 82 (n. 100), 100, 125 (n. 166), 132 (n. 174). Cabe salientar que o autor das cartas não fez essa confusão como se pode observar no texto em alemão (p. 86). Por conseguinte, Samuel Isaak é outro líder nama e não herero como aparece na página 105 (n. 131). Da mesma forma, a nação à qual Dr. Schinke se referiu, em sua carta de 13/12/1905, era a dos hotentotes e não dos hereros como consta na p. 204 (n. 247).

Nas ilustrações do livro, uma informação também não corresponde à imagem de um cartão-postal. Trata-se de um grupo de mestiços de Rehoboth, conforme a legenda em alemão no próprio postal: “D.S.W.A. – Rehobother Bastards”, mas na tradução consta “família de hereros em trajes ocidentais frente a uma habitação típica”. Sobre os *bastards* de Rehoboth, Dr. Schinke fez comentários quando passou pela localidade em fim de março de 1905. Escreveu que eles eram “adversários dos Witbois e dos Hereros”. Nota-se que o médico alemão distinguia muito bem os mestiços de Rehoboth, dos nama-Witbois e dos hereros.

Não é apenas nessa confusão com os etnônimos que os leitores percebem a falta de um especialista para a revisão do texto e elaboração das notas. Uma série de informações carece de esclarecimentos, o que poderia ser feito cotejando a literatura, pois, em várias passagens do livro, se tem elementos comuns a outros relatos, como, por exemplo, ao diário do médico Heinz von Ortenberg que esteve no Sudoeste africano durante a guerra colonial. *Aus dem Tagebuch eines Artzes* [Do diário de um médico] foi publicado em 1907. Esse diário nunca foi traduzido para a língua portuguesa, embora Ortenberg tenha também imigrado para o Rio Grande do Sul, onde exerceu a medicina por muitos anos.

O diário do Dr. Schinke frustra quem busca maiores informações sobre a prática medicinal durante a campanha militar no Sudoeste africano. Nesse item, o manual do Dr. Alexander Lion, *Tropenhygienische*

Ratschläge (1907), é muito superior. No entanto, o diário contém interessantes passagens da viagem de Hamburgo até Swakopmund, como também sobre o cotidiano de uma guerra colonial. Não se pode olvidar que o autor não vislumbrava publicar suas reminiscências. Ao escrever cartas para sua esposa, ele tratou de assuntos confidenciais, fez desabafo e expressou suas decepções, especialmente em relação à forma como a guerra era conduzida.

O médico tratou de vários problemas internos das tropas alemãs, a *Schutztruppe*, desde o furto de mantimentos, os problemas de disciplina militar, as desavenças entre soldados e/ou oficiais, a negligência de vigias, a imprudência dos novatos, a inadimplência da burocracia militar até a desmotivação e o abalo moral dos soldados. Obviamente, o autor não teria abordado da mesma forma esses assuntos, caso ele mesmo tivesse interesse em publicar seus escritos à época.

A riqueza de informações em *Diário da África* reside nessa escrita deveras subjetiva e confidencial, isenta quase de autocensura. Isso ocorre também quando o autor descreve a alteridade africana. Raramente seus juízos de valores sobre hereros e *hotentotes* são livres de preconceitos. Também ingleses, bôeres, cafres e mestiços (de Rehoboth) foram alvos de suas críticas implacáveis. Os preconceitos serviram, igualmente, para balizar a interação social do Dr. Schinke com prussianos, pomeranos, bávaros, renanos, entre outros soldados alemães da *Schutztruppe*.

Isso não significa que o relato não tenha objetividade. Em Okahandja, Dr. Schinke observou que “o forte dá uma boa impressão, também a região é bem bonita, há boas pastagens e a própria cidade se encontra em pleno progresso”. Confirma essa observação acurada do médico alemão uma matéria publicada no jornal de língua alemã *Kolonie*, de Santa Cruz (RS), de 7/5/1907, em que se constata com entusiasmo: “Como Okahandja mudou nos últimos anos!” [*Wie hat sich Okahandja in den letzten Jahren verändert!*].

Como já nos ensinou Marc Bloch, o historiador deve atentar para os preconceitos, para as credices e também para as boatarias de uma época. Além dos preconceitos, os boatos são constantes nas cartas do Dr. Schinke. Porém, ele não tinha como checar as informações que lhe chegavam pelo telégrafo ou pela boca de soldados de uma patrulha volante e de nativos errantes.

A vinda de mantimentos ou reforços, as manobras militares, a localização dos inimigos e seu real número de homens ou de armas,

quando e onde ocorreu uma escaramuça, as intenções de armistício de Morenga, a rendição de Cornélius ou outro líder dos namas eram sempre informações não muito precisas. Se muitas dessas informações não poderiam ser averiguadas pelo autor das cartas, a edição do texto bilíngue poderia apresentar notas com base na historiografia alemã. Por exemplo, a acusação do Dr. Schinke de que o maior fornecedor de armas, munição e provimentos alimentares para os *hotentotes* do líder Morenga era um alemão residente em território vizinho sob domínio britânico, poderia ser comprovada em consulta ao livro *Feind überall* [Inimigo por todo lado] do historiador Walter Nuhn. Para outras acusações do médico alemão, por exemplo, contra os ingleses por cumplicidade no abigeato praticado pelos namas em território sob domínio alemão ou a falta de apoio britânico para controlar a fronteira e o papel *ambíguo* de missionários nas negociações de paz, encontram-se subsídios tanto na historiografia alemã quanto em notícias da imprensa alemã da colônia alemã no Sudoeste africano e mesmo em algumas notícias dos jornais teuto-brasileiros à época.

Se o texto carece de notas explicativas ou informativas, não faltam notas supérfluas ou redundantes. Por exemplo: que Münster é uma cidade na Westfália (Alemanha) consta nas notas 28, 60 e 125; a informação que Spandau era um distrito berlinense se repete nas notas 101, 111, 136 e 196. A dúvida expressa pelo tradutor na página 161 (n. 206) sobre eventual influência do islamismo na “guerra dos hotentotes” acusa seu desconhecimento sobre a ausência de muçulmanos naquela região, no início do século XX e sobre a atuação missionária cristã no Sudoeste africano desde 1842. A propósito, é com base nessa experiência missionária que se explica como Dr. Schinke pôde encontrar bíblias na língua dos *hotentotes*. Além disso, a série de nomes de batismo dos vários líderes namas que aparecem no texto, como Hendrik Witboi, Jacob Morenga, Johann Christian, Samuel Isaak, Cornélius Frederik, Abraham Morris e Simon Koppe, demonstra a forte influência missionária, especialmente evangélica. É bom lembrar que a *Rheinische Mission* possuía algo em torno de 140 mil hectares no Sudoeste africano.

Além de notas com base na recente produção acadêmica, principalmente dos *post-colonial studies* nas áreas de história e literatura comparada, os leitores sentem a falta de uma apresentação do texto que pudesse esboçar não apenas o contexto colonial no Sudoeste africano, mas também sobre a própria guerra colonial e seus desdobramentos.

Afinal, o primeiro genocídio do século XX ocorreu em colônia alemã no Sudoeste africano, então sob a autoridade do General Lothar von Trotha. Cabe lembrar que foram dizimados em torno de 80% e 50% da população total, respectivamente, de hereros e namas, entre 1904 e 1908. Isso já é consensual na historiografia de língua alemã, notadamente entre os historiadores da nova geração como Jürgen Zimmerer, Dominik Schaller, Medardus Brehl e Gesine Grüger.

Em suas cartas, Dr. Schinke fez referência indireta à ordem de extermínio dada pelo General Lothar von Trotha. Ele chegou a comentar sobre críticas de um jornal de Windhuk e também do Chanceler alemão Bernhard von Bülow contra os excessos do General von Trotha. Provavelmente, ele também conhecia a famosa frase do líder social-democrata August Bebel de que para conduzir aquela guerra não se precisava de um general, pois qualquer açougueiro poderia fazer tal carnificina.

O prefácio de Renato Oliveira é superficial nesse sentido. Ele omite o genocídio, os campos de concentração, o trabalho forçado, as execuções e a deportação de prisioneiros para outras colônias. Isto é o que o médico alemão apontou em suas cartas: “Os hereros presos, tanto mulheres quanto homens, têm que trabalhar duro. Nota-se que neles as misérias da guerra deixaram marcas profundas”. Em Okahandja, observou ainda que “em todas as estações havia presos de guerra em maior ou menor número, que são aproveitados (também as mulheres) para trabalhar como carregadores de carvão e na conservação da ferrovia, entre outros”.

Após longos meses em postos militares, no entanto, Dr. Schinke já reclamava de uma solução final para o “atrevimento dos namas”. Suas impressões sobre as “raças puras e híbridas” na África têm certa sintonia com os princípios eugênicos que Eugen Fischer (1874-1967) divulgaria em seu ensaio *Die Rehobother Bastards und das Bastardierungsproblem beim Menschen* [Os bastardos de Rehoboth e o problema da miscigenação em humanos], em 1913. Vale lembrar que Eugen Fischer também esteve em colônia alemã no Sudoeste africano. Durante o nazismo, ele foi reitor da Universidade de Berlim, sendo que um dos seus assistentes era Joseph Mengele.

Do passado colonial no Sudoeste africano, sabe-se o quanto a ciência foi um instrumento de poder. A medicina não foi exceção. Se vários médicos cumpriram com brio e mérito sua tarefa humanitária, alguns colaboraram para o “livro negro” do colonialismo. Das experiências

científicas de Eugen Fischer e outros, por exemplo, restava, até o ano passado, um legado macabro nos depósitos da Universidade de Freiburg, em Baden-Württemberg e do Hospital da Caridade, em Berlim. Parte dessa coleção de crânios e esqueletos foi objeto de uma matéria intitulada “Leichen im Keller” [“Cadáveres no depósito”] e publicada na *Badische Zeitung* (14/11/2009). A devolução desse espólio suscitou novas indagações sobre a forma como foi coletado esse material durante a guerra colonial e sobre as finalidades dessas pesquisas científicas. Para isso, a historiografia tem colaborado para com o dever de memória, sobretudo em torno do genocídio. A propósito, o Hospital da Caridade, em Berlim, confiou a uma delegação da Namíbia dezenas de crânios destinados a um museu daquele país, conforme matéria publicada na *Berliner Zeitung* (28/9/2011).

As falhas aqui apontadas não desabonam os méritos do tradutor Werner Schinke em brindar os leitores com esse *diário* e do Simers e da Edipucrs em publicá-lo. Espera-se que uma segunda edição possa suprir as lacunas da primeira, pois o trabalho do historiador é incontornável para articular vivências e testemunhos individuais numa narrativa que tenha validade histórica, sobretudo quando se trata de acontecimentos traumáticos que nos impelem a ouvir o silêncio, a ler nas entrelinhas.

